

Interactivos Travessia

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

**A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DOS COLONOS DO MARANHÃO
NO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO (AOS PEIXES),
DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA**

**THE CONSTRUCTION OF THE ETHOS OF THE COLONISTS FROM
MARANHÃO IN THE SERMON OF SANTO ANTÔNIO (TO THE
FISHES), BY PRIEST ANTONIO VIEIRA**

Eliene Farias da SILVA¹

Marcia Regina Curado Pereira MARIANO²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as estratégias argumentativas, em particular as figuras de argumentação e retórica, utilizadas por padre Antônio Vieira na construção do *ethos* dos colonos do Maranhão no *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes). Tendo em vista os meios de persuasão retóricos – *ethos*, *pathos* e *logos* –, veremos como a imagem discursiva dos peixes, construída pelo orador, corresponde à imagem discursiva do auditório do discurso, os colonos, a quem se pretende dirigir críticas e despertar paixões. A metodologia empregada para o desenvolvimento desta pesquisa é de natureza bibliográfica e a abordagem é qualitativa, embasada nos pressupostos teóricos dos estudos retóricos e neo-retóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), Ferreira (2010), Reboul (2004) e Mariano (2016a, 2016b). As análises realizadas evidenciaram que, por meio de seu discurso alegórico, o orador constrói o *ethos* dos colonos maranhenses como arrogantes, soberbos, ambiciosos, hipócritas, traidores, perversos, oportunistas e parasitas, em razão de serem os responsáveis pela escravização dos indígenas brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Padre Antônio Vieira. Figuras de argumentação e retórica. Retórica. Discurso. *Ethos*.

ABSTRACT: The present article aims to analyze the argumentative strategies, in particular the figures of argumentation and rhetoric, used by priest Antonio Vieira in the construction of the *ethos* of the colonists from Maranhão in the “Sermon of Santo

1. Mestrado em Letras, área de concentração em Estudos Literários, na linha de pesquisa Literatura e Recepção, pela Universidade Federal de Sergipe (DLV/PPGL/UFS - 2022). Especialista em Linguagem, na área de concentração em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) (2020). E-mail: elienefarias@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8395-1079>.

2. Bacharel em Linguística e Língua Portuguesa (1997-FFLCH/USP), licenciada em Língua Portuguesa (1999-FFLCH/USP), mestre em Linguística (2002-FFLCH/USP), doutora em Língua Portuguesa (2007-FFLCH/USP) e pós-doutora em Língua Portuguesa (2020 -PUC/SP). Atualmente é Professora Associada do Departamento de Letras de Itabaiana, da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: ma.rcpmariano@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3599-1559>.

Antônio (to the fishes)”. In view of the rhetorical means of persuasion - *ethos*, *pathos* and *logos* -, we will see how the discursive image of the fish, constructed by the orator, corresponds to the discursive image of the discourse auditorium, the colonists, for whom the orator intends to criticize and arouse passions. The methodology used for the development of this research has bibliographic nature and the approach qualitative, based on the theoretical assumptions of the rhetorical and neo-rhetorical studies of Perelman and Olbrechts-Tyteca (2002), Ferreira (2010), Reboul (2004) and Mariano (2016a, 2016b). The analyzes showed that, through his allegorical discourse, the orator builds the *ethos* of the colonists from Maranhão as arrogant, proud, ambitious, hypocritical, traitors, perverse, opportunists and parasites, because they are responsible for the enslavement of Brazilian Indians.

KEYWORDS: Priest Antônio Vieira. Figures of argumentation and rhetoric. Rhetoric. Discourse. *Ethos*.

Introdução

O *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes)³, de padre Antônio Vieira, recebeu esse título por duas razões: 1) por ter sido pregado no dia 13 de junho, em que é comemorado o dia de Santo Antônio de Pádua, que foi um padre e doutor da igreja, mais conhecido como Santo Antônio casamenteiro; e 2) por ter sido elaborado pelo jesuíta baseando-se numa lenda medieval, em que Santo Antônio, durante uma de suas pregações, em que repreendia a conduta humana, na cidade italiana de Arimino, determinou-se a falar aos peixes, ao perceber que os homens não lhe davam atenção.

Tal alegoria se insere em um contexto delicado vivido no Brasil-colônia no século XVII: a escravização dos povos indígenas pelos colonos do Maranhão. Padre Vieira, sendo o Superior dos missionários jesuítas que estavam no Brasil, lutou diretamente em defesa dos explorados. Desse modo, essa peça oratória é, por essência, uma crítica à sociedade e ao sistema político de sua época, e, como padre Vieira era um orador habilidoso com as palavras, transformava a mensagem religiosa em sermões de críticas sociais e políticas, a exemplo da parenética ora abordada, que bem representa seu *ethos*.

3. Consoante as pesquisas realizadas, Vieira compôs uma série de sermões que dedicou ao Santo português Antônio; ao todo foram nove. Essa série sermonística foi denominada de *Sermão de Santo Antônio*, por essa razão, para identificar qual prédica estão estudando, os pesquisadores optam por grafar como *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes).

Tendo em vista a importância discursiva e social da análise de imagens estabelecidas nessa materialidade, neste artigo assumimos como objetivo geral analisar como padre Antônio Vieira constrói o *ethos* dos colonos do Maranhão no *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes) por meio de estratégias argumentativas, com destaque para as figuras de argumentação e retórica. Com tal intuito, recorreremos aos estudos retóricos e neo-retóricos a partir de Perelman e Olbrechts-Tyteca, mais especificamente em seu *Tratado da Argumentação* (2002), Ferreira (2010), Mariano (2016a, 2016b) e Reboul (2004), no que diz respeito à noção de *ethos* e às figuras de argumentação e retórica.

O embasamento teórico-metodológico partiu da pesquisa de natureza bibliográfica e da abordagem qualitativa, apoiado em leituras e reflexões nas obras dos autores mencionados. Como principal critério de análise, as figuras de argumentação e retórica presentes no texto serão observadas, como também o efeito que elas produzem na construção do *ethos* dos colonos do Maranhão, representados no *logos* metaforicamente pelos peixes, e no *pathos*, seu público real, os próprios colonos.

A fim de atingir nosso objetivo geral, e em termos de estrutura, este artigo está dividido em quatro tópicos, com exceção da introdução e das considerações finais: primeiramente, a história e a estrutura argumentativa do *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes); em seguida, um breve percurso sobre os meios de persuasão na retórica e nas neo-retóricas; posteriormente a definição e a classificação das figuras de argumentação e retórica e suas ocorrências no sermão; finalmente, a análise, em que são observadas as estratégias linguísticas e discursivas, com ênfase nas figuras utilizadas pelo orador na construção do *ethos* dos colonos do Maranhão.

História e estrutura argumentativa do *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes)

O *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes) foi pregado no dia 13 de junho de 1654, em São Luís do Maranhão, na Capela Bom Jesus dos Navegantes, três dias antes de Padre Vieira embarcar ocultamente para o Reino (Portugal), em busca de solução para os indígenas. “O seu título deve-se ao fato de ter sido pronunciado no dia da festa de Santo Antônio de Pádua (1195-1231), padre e doutor da Igreja [...]” (NASCIMENTO, 2007, p. 169).

Nessa época, negros e indígenas eram barbaramente escravizados pelos colonos no Brasil (MOISÉS, 1974, p. 161), motivo que levou Antônio Vieira a elaborar a referida peça oratória. Como consequência da luta dos jesuítas, especialmente de Vieira, pela libertação desses povos, no ano de 1652, a Corte portuguesa aprovou a lei que libertava os indígenas (LINHARES, 2007, p. 81).

Os colonos, não concordando com a concessão dessa lei, por notarem que perderiam a mão de obra gratuita, enviaram representantes a Portugal para pedir ao Rei que a modificasse. Em 1654, vindo de Lisboa, os procuradores do Estado trouxeram determinações legais que reformulariam a lei que libertaria os indígenas.

É nesse contexto que Vieira, sendo o Superior dos missionários jesuítas que estavam no Brasil, desde o princípio envolvido com a questão escravocrata desse país, resolve embarcar para Portugal, visando a conseguir seu intento, ou seja, a liberdade dos indígenas (LINHARES, 2007, p. 81). Assim, esse sermão foi pregado no auge da luta dos jesuítas contra a escravização dos povos indígenas. O público de Vieira era composto exatamente pelos seus inimigos: os colonizadores portugueses (NASCIMENTO, 2007).

Como visto, o “[...] sermão é feito a partir do conflito entre colonos que reivindicavam novamente a posse de seus escravos, fato que fugiu ao controle dos jesuítas [...]” (ALMEIDA, 2009, p. 85). Vieira, fazendo uso de inúmeras metáforas, fala alegoricamente aos peixes com o intuito de pregar a moral e a ética, que deveriam pôr fim ao injusto conflito em que uns (colonos) tentam subjugar outros (indígenas e negros).

O *Sermão de Santo Antônio* (aos peixes) é composto por seis capítulos, e dividido em três partes, nomeados nos estudos da Retórica de Exórdio, argumentação (narração e as provas) e peroração. O exórdio está compreendido no capítulo I, a argumentação constitui o desenvolvimento, representado pelos capítulos II, III, IV e V, e a peroração, por fim, está inserida no capítulo VI.

No capítulo I, Vieira introduz a temática do sermão; no capítulo II, louva as virtudes gerais dos peixes; no capítulo III, louva as virtudes particulares de cada peixe; no capítulo IV, faz repreensões gerais acerca dos vícios dos peixes; no capítulo V, faz repreensões particulares dos vícios de cada peixe; e no capítulo VI, finalmente, o orador despede-se dos peixes, fazendo uma síntese e uma invocação com louvores a Deus. Desse modo, essa pré-dica é estruturada de acordo com o seguinte esboço, extraído de Linhares (2007, p. 81-82) e por nós colocado em forma de tabela para melhor visualização:

Texto que fundamenta o sermão	Vós sois o sal da terra. Mat. 5:13
Tema Exórdio – capítulo I	Objetivos da ação do sal. À imitação de Santo Antônio, cuja mensagem não foi aceita pelos homens, Vieira afirma que vai pregar aos peixes.
Argumentação – capítulos II, III, IV e V	Conservação - por meio do louvor Louvor às virtudes gerais dos peixes Louvor às virtudes individuais dos peixes. 2 - Preservação – por meio da repreensão do mal 2.1 Repreensão aos peixes no geral 2.2 Repreensão aos peixes em particular
Peroração – capítulo VI	Síntese e invocação com louvores a Deus

Para elaborar e proferir o discurso analisado, o orador se utilizou de várias estratégias de argumentação no *logos*, como as figuras de argumentação e retórica, a fim de construir imagens discursivas relacionadas ao *ethos* e despertar as paixões no *pathos*.

Os meios de persuasão na retórica e nas neo-retóricas: *ethos*, *pathos* e *logos*

Nascido em Estagira, cidade da Grécia, Aristóteles foi um pensador fundamental no Mundo Antigo, visto que o fundador da Academia de Atenas foi o responsável por pensar a relação homem e linguagem. Além disso, o pensamento do filósofo grego serviu de base para a retórica; na verdade, foi ele quem a sistematizou, em sua obra *Retórica* (2011), ao expor um sistema formado por quatro partes, sendo elas: a invenção (*inventio*)⁴, a disposição (*dispositio*), a elocução (*elocutio*) e a ação (*actio*). A classificação dessas quatro partes demonstra as instruções que o autor de discursos segue ou deve seguir, o que não será aprofundado, mas serve para situarmos as figuras de argumentação e retórica na *elocutio*, como veremos adiante.

O estagirita foi também responsável por descrever os três tipos de argumentos retóricos, ou três meios de persuasão, a saber: o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Em sua obra *Introdução à retórica* (2004), Olivier Reboul faz significativas observações acerca da tríade argumentativa ao acentuar que os primeiros argumentos objetivam persuadir na esfera da afetividade e o último argumento se encontra no campo da racionalidade, vinculando-se, portanto, ao processo argumentativo.

O *ethos* é, de acordo com Reboul (2004), na tradição aristotélica, o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, referindo-se, portanto, ao caráter moral que deve ser assumido pelo orador para convencer e persuadir. Esse argumento cen-

4. Terminologia latina, assim como todos os outros termos que se seguem.

tra-se na pessoa do orador, não o sujeito empírico, mas aquele que se inscreve no discurso, e prima por sua afetividade. É, portanto, uma imagem que construímos no discurso enquanto oradores, uma identidade discursiva que é indiciada pelo modo de dizer.

Vale ressaltar que, em algumas abordagens neo-retóricas atuais, o *ethos* não se limita mais apenas ao orador. Para Meyer,

Não podemos mais pura e simplesmente identificar o *ethos* ao orador: a dimensão de uso da palavra é estruturada de modo mais complexo. O *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita àquele que fala pessoalmente a um auditório, nem mesmo a um autor que se esconde por trás de um texto e cuja “presença”, por este motivo, afinal pouco importa. O *éthos* se apresenta de maneira geral como aquele ou aquela com que o auditório se identifica, e tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão sejam aceitas. (MEYER, 2007, p. 35, grifos do autor).

Nessa mesma linha, Ferreira (2010) complementa: “Modernamente, o termo sofreu ampliação de sua significação e hoje se aceita como *ethos* a imagem que o orador constrói *de si e dos outros* no interior do discurso.” (p. 90, grifos do autor), sendo esta compreensão de *ethos* a adotada nesta pesquisa, na medida em que não abordaremos diretamente o *ethos* do orador, padre Antônio Vieira, brevemente já exposto neste artigo, mas o *ethos* que ele constrói dos peixes, que, por sua vez, metaforizam seu auditório, os colonos.

O segundo argumento retórico, o *pathos*, é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o orador deve suscitar no auditório; refere-se, portanto, ao caráter psicológico dos diversos públicos aos quais o orador deve adaptar o seu discurso. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) revelam que o auditório é o verdadeiro responsável pela construção argumentativa de um discurso, na medida em que é a partir da imagem que o orador estabelece de seu público que as estratégias são escolhidas para melhor persuadir. Quanto às paixões, são definidas em Aristóteles (2011) como aquelas emoções que podem modificar o julgamento sobre as coisas.

Finalmente, “se o *ethos* diz respeito ao orador e o *pathos* ao auditório, o *logos* [...] diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso” (REBOUL, 2004, p.49), ou seja, o *logos* é o próprio discurso, onde *ethos* e *pathos* se revelam, o que indica a indissociabilidade entre os três meios de persuasão. Segundo Galinari (2014), devemos levar em conta “[...] que os meios de persuasão são ‘três lados’ da mesma moeda, três dimensões inseparáveis ou três ferramentas para se analisar o discurso” (p. 267). As figuras de argumentação e retórica permitem observar nitidamente essa relação: enquanto argumentos inesperados, revelam o

fazer persuasivo do orador, relacionado ao *ethos*; enquanto argumentos, presentes no *logos*, buscam persuadir pela emoção, ligada ao *pathos*.

As figuras de argumentação e retórica: classificação, definição e uso no discurso de Vieira

O nascimento da retórica se deu devido a conflitos sociais ocorridos entre os séculos V e IV a.C. A sociedade passava por profundas mudanças no sistema democrático, o que levou a sociedade a novas formas de pensar e de agir no que dizia respeito à defesa de seus direitos. A principal delas foi a de se resolver os conflitos por meio da linguagem; as soluções passaram a ser oferecidas por pessoas que dominavam a linguagem, diferentemente de como se resolvia anteriormente, que era por meio da violência (Silva, 2019, p. 85), como vemos também em Peixoto:

Podemos considerar a Retórica como sendo o primeiro momento de reflexão sistemática sobre os poderes da linguagem, pois a sociedade que presenciou seu nascimento estava vivendo mudanças inéditas. Ocorriam mudanças no sistema democrático que conduziram a novas formas de conflitos de interesses. Deixando para trás antigos meios de se resolverem os conflitos por meio da violência, estabelece-se que as contendas deveriam ser resolvidas perante um público determinado: o dos pares, que se denomina público, ou dos especialistas, juízes e outros. Sendo assim, a força física, que era uma grande aliada dos métodos antigos, perde a sua importância, deixando aberto o caminho para aqueles que obtinham o domínio sobre os signos, facilitando a adesão da coletividade. (PEIXOTO, 2008, p. 18).

Há que se destacar que na retórica antiga o auditório era presencial, e o discurso privilegiado era o oral; esse aspecto é muito bem refletido na oratória vieiriana. No entanto, hodiernamente, principalmente depois da publicação do *Tratado de argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002), o objeto estudado não é mais unicamente o discurso oral, como destacado por Cunha e Mariano (2020). Segundo as pesquisadoras:

[...] a antiga retórica caracterizou-se como a arte do bem falar, que tomava como ponto de partida **um auditório físico, presente**. Atualmente, **o discurso oral não é mais o único a ser utilizado**. [...] Nos estudos neo-retóricos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 7), **a ideia que se tem de objeto de estudo excede o da retórica clássica**. No entanto, assim como na antiga retórica, a neo-retórica também conserva a importância do auditório, reconhecendo que toda argumentação é construída visando a ele (CUNHA; MARIANO, 2020, p. 88, grifos nossos).

Apesar de Antônio Vieira dirigir o sermão analisado a um auditório específico, esse discurso acabou se estendendo a um auditório universal, em razão de a mensagem nele contida se aplicar a qualquer auditório e época, uma vez que trata da exploração e da corrupção humanas, temática sempre presente na história da humanidade, além de elaborar um discurso tão engenhoso como o que está sendo aqui abordado, que é constituído por inúmeras figuras de argumentação e retórica, dentre outras estratégias.

As figuras de argumentação e retórica são estratégias que visam obter, por meio da emoção, a persuasão do auditório (*pathos*). Além disso, essas figuras contribuem para a compreensão do *ethos* do orador e da imagem que ele constrói de seu auditório; segundo Mariano: “As figuras de argumentação e retórica são estratégias argumentativas privilegiadas, capazes de evidenciar não só o *fazer persuasivo* do enunciador, bem como seu *ethos* e a representação ou imagem que ele faz do enunciatário, ou seja, o *pathos*” (2016b, p. 187).

Vale destacar que, em um discurso, só devem ser caracterizadas como figuras de argumentação e retórica aquelas escolhas que causam um efeito de surpresa, que chamam a atenção, que não são esperadas, que são inusitadas. Mariano (2016a) explica que essas figuras se direcionam ao *pathos* com o intuito de equilibrar a distância entre o eu e o não-eu, estando presentes, portanto, na *elocutio*, que pode ser definida como o lugar em que o enunciador constrói a representação de seu auditório e a ele adéqua seu discurso, adaptando os argumentos e determinando as paixões.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2002) inscrevem as inúmeras figuras de argumentação e retórica em três grandes tipos, a saber: figura de escolha, figura de presença e figura de comunhão. Com base nos estudiosos da neo-retórica perelmaniana, Mariano (2016a) apresenta a classificação, a definição e os efeitos que as figuras já citadas produzem no discurso:

- a. Figuras de escolha: procuram “impor ou sugerir uma caracterização” (GUIMARÃES, 2001, p. 153). [...] Aqui se encaixariam a utilização de sinônimos, o uso de termos não habituais; as perífrases; a descrição; a opção por determinados tempos verbais e estruturas sintáticas etc.
- b. Figuras de presença: despertam o sentimento da “presença do objeto do discurso” na mente do orador e do auditório (GUIMARÃES, 2001, p. 154). [...] A repetição, a acumulação de relatos e o detalhamento podem ser utilizados como figuras de presença.
- d. Figuras de comunhão: têm como finalidade criar ou confirmar a comunhão com o auditório “por força de referências a uma cultura, a uma tradição, a um passado comuns entre o emissor do discurso e o ouvinte ou leitor” (GUIMARÃES, op. cit., p. 156). Neste tipo de figuras, Perelman e Tyteca situam o uso de linguagens particulares em comum, de clichês, exemplos, alusão, citação etc. (MARIANO, 2016a, p. 133-134).

Deste modo, o que caracteriza as figuras de argumentação e retórica é o seu caráter inusitado, surpreendente, e não há algo que chame mais a atenção do leitor/ouvinte no sermão estudado do que o seu próprio título, com o uso metafórico do termo “peixes”, que evidencia o quão farta será a utilização dessas figuras.

Já no título temos a presença da figura de escolha e da figura de comunhão. A primeira figura se realiza por meio do uso do termo “peixes”, já que o orador faz uma escolha lexical que traz implicitamente para o texto a identificação daqueles para os quais o sermão será “pregado”: ao construir a imagem discursiva – *ethos* – dos peixes, Vieira constrói, na verdade, a imagem discursiva de seu auditório, os colonos, a quem dirige críticas e busca despertar paixões que levem à mudança de comportamento em relação à escravização dos indígenas. Já a segunda figura, também se efetiva com o mesmo léxico, ou seja, com os peixes, cujo intuito do orador é manter a aproximação com o seu auditório, já que a lida com a pesca é comum a ambos.

Para alcançar seu intento, pois, Antônio Vieira se dispõe de figuras que cumprem, na maioria das vezes, ao mesmo tempo, a função discursiva de figuras de escolha e de comunhão, com destaque para a metáfora, a alegoria e a prosopopeia ou personificação. A primeira se insere na classe das figuras de sentido, que segundo Reboul (2004, p. 120, grifos do autor), relacionam-se com os significados. “Consistem em empregar um termo (ou vários) com um sentido que não lhe é habitual. *O olho escuta...* [...] A metáfora designa uma coisa com o nome de outra coisa que tenha com ela uma relação de semelhança”.

Já as últimas correspondem à relação entre as ideias. As figuras de pensamento são distinguidas por três critérios: 1) se referem ao próprio discurso, 2) dizem respeito à relação do discurso com seu referente, 3) podem ser lidas de duas maneiras: no sentido literal ou no sentido figurado. Ainda segundo o estudioso da retórica, “enquanto a metáfora não é verdadeira nem falsa, a alegoria poderá ser verdadeira ou falsa” (REBOUL, 2004, p. 130).

Como definição de alegoria, o escritor francês argumenta que “é uma descrição ou narrativa que enuncia realidades conhecidas, concretas, para comunicar metaforicamente uma verdade abstrata”. Quanto à personificação, “consiste em atribuir o discurso a um orador fictício: antepassados, mortos, leis, como Sócrates em *Críton*, que é interpelado pelas leis de Atenas [...]” (REBOUL, 2004, p. 130). Resta-nos observar mais detalhadamente como essas estratégias aparecem em alguns fragmentos do *corpus* anunciado para análise.

As figuras de argumentação e retórica na construção do *ethos* dos colonos do Maranhão

Segundo Ferreira (2010), algumas questões revelam o contexto retórico do discurso, tais como: Quem fala? A quem fala? Quando fala? Por que fala? Contra o que fala? Do que trata? No tópico História e estrutura argumentativa do sermão, foi visto que Vieira (**quem fala**), inconformado com a escravidão vivida pelos povos indígenas (**de quem fala**) que habitavam no Maranhão, proferiu o sermão (aos peixes) para os colonizadores portugueses (**a quem fala**) – esta é a grande estratégia de Vieira –, no dia 13 de junho de 1654 (**quando fala**), com o intuito de pôr fim ao domínio dos colonizadores sobre os indígenas (**por que fala**: situação discursiva), em razão daqueles viverem da exploração destes povos (**contra o que**). Assim, com esse sermão o orador tenciona censurar a vida perversa de seu auditório (**do que trata**). Esse é, portanto, o contexto retórico no qual o discurso é fundado.

Nesse sentido, como ninguém gosta de ser criticado, o orador se utilizou dessas estratégias retórico-argumentativas, a saber: a alegoria e a metáfora dos peixes para manter a comunhão com seu auditório até o fim do discurso, pois, teoricamente, o sermão estava sendo direcionado “aos peixes” e não aos homens. Ora, certamente não são os peixes os aparentes destinatários da mensagem sermonística. Trata-se simplesmente de recursos que possuem funções muito bem determinadas dentro dos propósitos do orador.

Sob esse prisma, pode-se entender o quanto esse discurso será rico em figuras de argumentação e retórica, visto que é um discurso que representa uma ideia sob a aparência de outra ideia, ou seja, é um discurso todo alegórico, uma vez que toda sua arquitetura representa que os peixes são uma metaforização dos homens, assim, com o uso dessas estratégias no *logos*, o *ethos* dos peixes e o *pathos* – o auditório – se fundem numa só imagem discursiva.

Nesse sermão, padre Vieira utiliza-se dos peixes como representação dos homens para louvar suas virtudes e, principalmente, para criticar seus vícios. Consoante as observações de Massaud Moisés, “O pregador, manipulando com inexecidível habilidade o estratagemma alegórico de falar aos peixes, recrimina contundentemente a má-vida dos espectadores [...]” (MOISÉS, 1974, p. 161).

Para a análise das figuras de argumentação e retórica serão apresentadas algumas de suas ocorrências no sermão estudado, em seguida será abordado como esses recursos retórico-argumentativos construíram a imagem (*ethos*) dos colonos. Do ponto de vista metodológico, os critérios empregados para a seleção de apenas alguns trechos do sermão deveram-se ao fato de serem as ocorrências mais representativas.

Apesar de se ter colocado os extratos do sermão em figuras específicas, isso não impede que em um único trecho haja a presença de mais de duas figuras ou mesmo das três simultaneamente. Foi feita essa separação para que se possa compreender melhor de que trata cada extrato e também de como essas figuras funcionam, ou seja, os efeitos que elas produzem no discurso sermonístico e de que forma elas ajudam a construir a imagem discursiva daquele de que se fala – os peixes – que representam, na verdade, neste sermão, a identidade discursiva do auditório. Ademais, cuida observar que os fragmentos a seguir apenas exemplificam um trabalho muito maior do orador no uso das figuras.

O uso da figura de comunhão tem como estratégia aproximar o destinatário, estabelecer uma comunhão entre orador e auditório por meio de recursos linguísticos (pronomes, usos verbais...) ou discursivos (como a retomada de conhecimentos e valores em comum). No fragmento do sermão, a seguir, o uso da figura de comunhão pode ser evidenciado no uso do vocativo “Moradores do Maranhão” e do imperativo em “abri”, “vede” e “olhai”. Fragmento 1:

[...] para que procedamos com clareza, dividirei, **peixes**, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro, louvar-vos-ei as vossas virtudes; no segundo, repreender-vos-ei os vossos vícios. (VIEIRA, 1998, p. 152, grifos nossos).

Ah! **Moradores do Maranhão**, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! **Abri, abri** essas entranhas, **vede, vede**, esse coração. Mas ah! sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, **prego aos peixes**. (VIEIRA, 1998, p. p. 157, grifos nossos).

[...] **Olhai, peixes**, lá do mar para a terra [...]. (VIEIRA, 1998, p. 162, grifos nossos).

Acredita-se que a figura de comunhão é a que mais predomina no sermão estudado, pois, como explicado por Mariano (2016a), o orador busca determinar sua comunhão com o auditório por meio de referências a uma cultura em comum. Nos fragmentos observados, o sermão ora discutido exemplifica com muita precisão o uso da figura de comunhão na retomada das festas dos santos, da figura de Santo Antônio, no uso da metáfora por meio de um elemento característico da região, o peixe.

No início do sermão abordado, o orador Vieira destaca que se utilizará do exemplo de Santo Antônio quando na cidade de Arimino pregava contra os hereges. Nessa pregação, o Santo italiano repreendia a conduta desses hereges que quase lhe tiraram a vida. Vieira diz que o santo mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina, como a finalidade de Vieira era também fazer repreensões às más condutas dos colonos, ele declarou: “Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor

pregar como eles, que pregar deles” (VIEIRA, 1998, p. 151). Com todas essas estratégias retórico-argumentativas, o orador tenciona, como já dito, aproximar o auditório de si.

Já a figura de presença tem como objetivo não deixar o auditório se esquecer do objeto do discurso. No fragmento 1 anteriormente analisado, por exemplo, a repetição em “Abri, abri” e “vede, vede” reforça as ações que ele espera de seu público e que poderiam levar à conscientização e a mudanças de atitudes. Ainda ilustrando esse tipo de figura, no fragmento a seguir, bem como em todo o sermão, destaca-se a reiteração da afirmação de quem seria esse auditório – os peixes. Fragmento 2:

Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: **já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes.** [...] voltar-me da terra ao mar, e **já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes.** O mar está tão perto que bem me ouvirão. **Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles.** (VIEIRA, 1998, p. 150-151, grifos nossos).

Cumpramos ressaltar, porém, os efeitos de sentido de ironia e contradição nessa afirmação, quando o autor bem sabia quem era o seu verdadeiro auditório, a quem ele queria criticar e influenciar: os colonos. Como no fragmento: “Mas *ah! sim, que me não lembrava!* *Eu não vos prego a vós, prego aos peixes*” (VIEIRA, 1998, p. 157, grifo nosso).

Para reforçar a analogia entre os homens e os peixes, Vieira até se utiliza da imagem de oito peixes, os quais são até nomeados. No primeiro momento, ele tece elogios gerais e particulares aos peixes e no segundo momento ele faz repreensões aos vícios gerais e particulares de cada peixe.

Esse reforço do assunto de que trata, por meio de repetições, paráfrases e retomadas em geral, caracterizado como figura de presença, é um recurso muito utilizado no sermão em análise, como na lembrança constante da alegoria proposta. No fragmento 3, apresentado logo a seguir, é evidente que é feita uma retomada irônica da mesma ideia, visto que há uma repetição a quem o discurso é direcionado, que seria aos peixes e não aos homens, e em outro momento do discurso (fragmento 3), quando o orador revela a mudança de púlpito do marítimo para o terrestre, como contemplado nas seguintes linhas: “Oh! Que boa doutrina era esta para a terra se eu não pregara para o mar” (VIEIRA, 1998, p. 175). Ao explicitar detalhadamente o auditório e o púlpito, Vieira pretende conservar o assunto do discurso na mente do auditório suscitando uma presença frequente.

Por fim, nos últimos exemplos, classificados como figuras de escolha, o orador utiliza expressões para reforçar o conhecimento que ele tem de seu auditório. Comungam desse

pensamento Cunha e Mariano (2020) quando advogam que no momento que “se deseja ser ouvido, é preciso que o orador conheça seu auditório e recorra a ele para adaptar seu modo de ser e de dizer. Esse processo de adaptação deve ocorrer durante toda a argumentação” (CUNHA; MARIANO, 2020, p. 88).

Nos trechos apresentados, Vieira demonstra que conhece tanto seu objeto do dizer/auditório metafórico, os peixes, como seu auditório real, os colonos, tendo em vista que usa de argumentos eficazes, como comparações e analogias entre os dois.

A primeira coisa que me **desedifica**, peixes, de vós, é que **vos comeis uns aos outros**. Grande **escândalo** é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vós comeis uns aos outros, senão que **os grandes comem os pequenos**. (VIEIRA, 1998, p. 161, grifos nossos). Os homens, com suas **más e perversas cobiças**, vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros. (VIEIRA, 1998, p. 162, grifos nossos). Cuidais que os tapuias comeis uns aos outros? Muito maior **açougue** é o de cá, muito mais se comem os brancos. (VIEIRA, 1998, p. 162, grifos nossos).

A escolha de palavras como “desedifica”, “escândalo”, “más e perversas cobiças” e “açougue” orientam o discurso para a crítica aos colonos, como é também construído no seguinte raciocínio:

Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar (VIEIRA, 1998, p. 162).

Como já dissemos, a própria alegoria no uso metafórico dos peixes para representar os homens é definida como figura de escolha, já que, como se sabe, peixe não tem razão para entender um sermão e tampouco audição para ouvi-lo. Trata-se apenas de características que revelam o trabalho de Vieira para conduzir, ainda que indiretamente, seu discurso aos homens, especialmente, os homens do Maranhão.

Ainda que o intuito desse trabalho não seja falar sobre os gêneros retóricos, também apresentados por Aristóteles em seu sistema retórico, cabe aqui destacar que *no Sermão de Santo Antônio (aos peixes)*, ainda que seja anunciado um discurso epidíctico, que tem como finalidade louvar as virtudes e censurar os vícios, a intenção do orador é judiciária e deliberativa: julgar a conduta dos colonos e aconselhá-los para tentar modificar a situação de exploração dos indígenas.

Ainda na seleção dos elementos linguísticos que o orador emprega alguns termos com o intuito de mostrar que os homens, por conta de suas más e perversas cobiças, tinham se tornado tais e quais os peixes, comendo-se uns aos outros, como pode-se confirmar no fragmento 4:

[...] Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. [...] mas, para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. [...] são piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comem os corvos senão depois de executado e morto; e o que anda em juízo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido (VIEIRA, 1998, p. 161-162-163).

Tal absurdo, em conformidade com o discurso alegórico do jesuíta, se passa entre os homens que por ganância exploram os desfavorecidos, ou seja, os maiores (colonos) exploram os menores (indígenas). Para mostrar como isso ocorre, o orador narra algumas dessas ocorrências com o seu público metafórico (e o real), mais especificamente no momento em que tece as críticas. Para tanto, se utiliza dos peixes: o roncador, o voador, o pegador e o polvo. Vale destacar que, junto com o uso geral do termo peixes, esses tipos específicos também caracterizam figuras de escolha.

O roncador simboliza a arrogância e a soberba humanas; o voador significa a ambição, o capricho de querer sempre mais; o pegador representa as pessoas que são dependentes, parasitas e oportunistas e, por fim, o polvo remete à traição e à hipocrisia. Todas essas características dos peixes foram discursadas pelo orador com a intenção de fazer com que os colonos refletissem sobre seus procedimentos comportamentais, tendo em vista que eram hipócritas, fingidos, soberbos, ambiciosos, arrogantes e oportunistas tais e quais os referidos peixes, em razão de serem os responsáveis pela escravização dos indígenas brasileiros. Por essa razão, os discursos judiciário e deliberativo são os mais proeminentes.

Ao examinar atentamente os vícios dos homens por meio da alegoria e da metáfora dos peixes, e demonstrar o conhecimento que tinha de seu auditório, tanto real como metafórico, o orador ratifica que os homens se transformaram em peixes, uma vez que, dentro da alegoria do sermão, os peixes grandes representam os colonos maranhenses que viviam do sacrifício dos peixes menores, os indígenas, o que nos conduz às considerações finais desta pesquisa.

Considerações finais

Este artigo tinha como objetivo geral analisar como padre Antônio Vieira construiu o *ethos* dos colonos do Maranhão no *Sermão de Santo Antônio (aos peixes)*. À luz dos estudos retóricos e neo-retóricos acerca do *ethos*, essa imagem discursiva foi apreendida por meio da análise de estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelo orador/enunciador, particularmente pelo uso de figuras de argumentação e retórica.

Como resultados, concluiu-se que Vieira, por meio de seu discurso alegórico, na utilização da figura do peixe representando os colonos, e especificamente quando se utiliza da imagem dos peixes roncador, voador, pegador e polvo, constrói o *ethos* dos colonos maranhenses como arrogantes, soberbos, ambiciosos, hipócritas, traidores, perversos, parasitas e oportunistas, pela escravização dos indígenas brasileiros. A imagem dos peixes grandes que engolem os peixes pequenos nos leva a exaltar a atualidade do sermão de Vieira, ao identificarmos situações análogas tão comuns ainda em nossa sociedade, em que os grandes, que detém o poder político e/ou econômico, ainda perseguem e exploram os pequenos.

As figuras de argumentação e retórica – de escolha, presença e comunhão – cumpriram um papel essencial na construção da imagem discursiva dos peixes/colonos, na medida em que garantiram a crítica ao auditório, por meio de escolhas e repetições, ao mesmo tempo em que buscaram manter a comunhão com o público, por meio de referências e conhecimentos em comum.

Além disso, foi de substancial importância perceber como os meios de persuasão apresentados por Aristóteles em seu sistema retórico, e ressignificados em trabalhos de teóricos contemporâneos - o *ethos*, o *pathos* e o *logos* -, são interdependentes e agem ao mesmo tempo na construção dos sentidos.

Finalmente, embora não fosse nosso objetivo apreender o *ethos* do orador, é necessário pontuar como o *ethos* de outros, construído pelo orador no seu discurso, concorre para a delimitação de seu próprio *ethos*. Na crítica aos peixes/colonos, Vieira mostra-se humano e consciente dos problemas sociais e políticos existentes no período da colonização do Brasil, que ainda hoje deixam sombras em nossa sociedade.

Referências

ALMEIDA, M. S. P. Sermão de Santo Antonio aos Peixes: uma leitura. *Revista Rios eletrônica*. Bahia, v. 3, n. 3, p. 82-88. dez. 2009. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/internas/conteudo/resumo.php?id=52>. Acesso em: 24 jun. 2017.

ARISTÓTELES (384-322 a.C.). *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

CUNHA, Andréa Mendonça; MARIANO, Marcia Regina Curado Pereira. “Jesus é travesti”: um olhar sobre a LGBTfobia em discurso polêmico no Instagram. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 1, p. 81-102, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/2489/1933>. Acesso em: 06 fev. 2021.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

GALINARI, Melliandro Mendes. Logos, ethos e pathos: “três lados” da mesma moeda. *Alfa*, São Paulo, 58 (2): 257-285, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981=57942014000200257-&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 30 mar. 2021.

LINHARES, E. M. *Padre Vieira, o homem e o discurso: uma leitura do sermão do bom ladrão e do sermão de Santo Antonio (aos Peixes)*. 2007, 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Maringá, Maringá, 2007. Disponível em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/emlinhares.pdf>. Acesso em 02 dez. 2020.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa: através dos textos*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

MARIANO, Marcia Regina Curado Pereira. A importância da intertextualidade na produção e na compreensão de textos: exemplos do jornalismo futebolístico. In: MARIANO, Marcia R.C.P; ROCHA, Maria Edriana dos S. *Texto, discurso e ensino: reflexões e propostas*. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2016a. p. 125-144.

MARIANO, Marcia Regina Curado Pereira. O fazer persuasivo do aluno em provas escritas: as figuras de argumentação e o ethos. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). *Retórica e Argumentação em Práticas Sociais Discursivas*. 1ed. Coimbra: Grácio Editor, 2016b. p. 187-210.

NASCIMENTO, R. R. S. *O púlpito como cátedra: retórica, educação nos sermões de pe. Antonio Vieira (1608-1697)*. 2007, 216 f. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: Acesso em: 03 jul. 2017.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [original de 1958].

PEIXOTO, D. S. *A construção da argumentação no sermão da primeira domingo do advento: um estudo historiográfico*. 2008, 68 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14542#preview-link0>. Acesso em: 01 dez. 2020.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Eliene Farias da. A retórica vieiriana do sermão de Santo Antônio (aos peixes). *Inventário*. Salvador, n. 24, p. 83-100. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/inventario/article/view/29529/20279>. Acesso em 07 fev. 2021.

VIEIRA, Antônio. Sermão de Santo Antonio. In: *Sermões*. v. II, Edelbra: 1998. p. 149-176.